

Projeto: Entre a casa, as ruas e as instituições: crianças e adolescentes em situação de rua e as instituições de acolhimento no estado do Rio de Janeiro

Levantamento da produção acadêmica sobre acolhimento institucional para crianças e adolescentes (2000-2019)

Coordenação: Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

Ficha

1) Referência – BUFFA, Carolina Gobato; TEIXEIRA, Sueli Cristina de Pauli; ROSSETI-FERREIRA, Maria Clotilde. Vivências de exclusão em crianças abrigadas. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12, 17-34, 2010.

2) Resumo e Palavras-chave – O abrigamento é visto como fator de risco desenvolvimental, fortalecendo o estigma e a exclusão social que sofrem crianças abrigadas. O objetivo deste estudo foi investigar como a condição de abrigamento perpassa as vivências e relações dessas crianças na escola, com base nas narrativas de crianças e técnicos de um abrigo. Participaram desta pesquisa duas meninas e dois meninos, de 10 a 13 anos, abrigados na mesma instituição, a coordenadora e a pedagoga desta. Utilizaram-se entrevistas semiestruturadas com cada participante e elaboração de narrativas pelas crianças. Trechos das narrativas que enfatizavam aspectos das relações das crianças na escola foram recortados e analisados. As crianças descreveram as interações escolares como conflituosas, frequentemente violentas. As profissionais do abrigo relacionaram isso ao abrigamento das crianças, apontando uma atitude de preconceito e exclusão. Tais interações parecem retomar o discurso do abrigado como fracassada, (re)atualizando a exclusão que sofrem. Ademais, indicam o fracasso da escola ao desempenhar seu papel de inclusão.

Palavras-chave: abrigo; crianças abrigadas; escola; exclusão; interação.

3) Objetivo do estudo – O objetivo deste estudo foi investigar como a condição de abrigamento perpassa as vivências e relações dessas crianças na escola, com base nas narrativas de crianças e técnicos de um abrigo.

4) Tipo de pesquisa – Qualitativa.

5) Período da pesquisa – Não identificado.

6) Forma de coleta de dados – Participaram desta pesquisa duas meninas e dois meninos, de 10 a 13 anos, abrigados na mesma instituição, a coordenadora e a pedagoga desta. Utilizaram-se entrevistas semiestruturadas com cada participante e elaboração de narrativas pelas crianças.

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico – o presente estudo teve como base teórico-metodológica a perspectiva da rede de significações, que entende o desenvolvimento humano como um processo de construção social que “se dá nas e através das ações e interações estabelecidas pelas pessoas em contextos social e

culturalmente organizados” (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SILVA, 2004, p. 23). Após a constituição do corpus, este passou a ser analisado com base nos pressupostos teórico-metodológicos da RedSig, buscando apontar indícios linguístico-discursivos que focalizassem a produção de significações na fala das crianças abrigadas sobre as relações estabelecidas no contexto escolar. Para isso, os recortes das falas das crianças foram organizados em subtemas, relacionando-os, posteriormente, com as falas das profissionais do abrigo, na tentativa de apreender as posições assumidas/atribuídas pelos sujeitos. Foram escolhidos os recortes mais ilustrativos e utilizados grifos nas partes mais significativas para o estudo. Buscou-se interpretar esse objeto de estudo com base em um diálogo entre dados e aspectos teóricos norteadores da pesquisa, como os conceitos de matriz sócio-histórica, de natureza semiótica, composta por múltiplas condições e discursos, e de circunscritores, fatores que estabelecem possibilidades e limites ao desenvolvimento do sujeito.

8) Resultados / dados produzidos – As crianças descreveram as interações escolares como conflituosas, frequentemente violentas. As profissionais do abrigo relacionaram isso ao abrigamento das crianças, apontando uma atitude de preconceito e exclusão, por sua condição de abrigamento. Tais interações parecem retomar o discurso do abrigado como fracassada, (re)atualizando a exclusão que sofrem. Ademais, indicam o fracasso da escola ao desempenhar seu papel de inclusão. A escola brasileira, baseada na tradição moderna de educação, construiu uma categoria de aluno idealizada, para a qual estaria preparada, com a qual se identifica e da qual Vivências de exclusão em crianças abrigadas - marginalizada e fracassada, de acordo com o discurso hegemônico – não faz parte, sendo excluída e silenciada, dificultando ainda mais a negociação desse papel de fracasso atribuído pela sociedade. Propõe-se, hoje, um papel de inclusão para a escola que, para ser exercido, exige a não seleção prévia de uma categoria determinada de alunos, a desconstrução do preconceito, a aceitação da diversidade da clientela da escola, da contemplação das diferenças no âmbito escolar, o que poderia facilitar a negociação de papéis e a construção de novos significados para a criança abrigada. O abrigo, como instituição pedagógica, também não está isento dessa responsabilidade. Os recortes apontam o preconceito que a criança sofre na escola, mas o próprio abrigo não parece ter um papel ativo no sentido de desconstruir tal preconceito. A matriz sócio-histórica que envolve o abrigado e, em especial, o discurso que o aproxima da imagem de “marginal” parecem estar tão arraigados que circunscrevem as ações até mesmo dos responsáveis por essas crianças, não parecendo haver movimento no sentido de preparar as crianças para a convivência escolar ou mesmo de defendê-las quando são excluídas. Essa matriz parece se fortalecer ainda mais pelos moldes atuais das instituições de abrigamento, considerados inadequados para o desenvolvimento infantil.

9) Recomendações – Assim, fica clara a necessidade de realizar novos estudos na área, a fim de investigar as significações que estão sendo atribuídas a essas crianças e ao contexto de abrigamento não só pela escola, mas também pela sociedade, e de fato questioná-las, negociá-las, ressignificá-las. Além disso, há também a necessidade de qualificar os professores, técnicos, educadores e demais profissionais dos abrigos e das escolas, na tentativa de desconstruir preconceitos existentes e de evitar atitudes de exclusão dentro dessas instituições com relação à criança abrigada.

Nota-se, aliás, todo um movimento no país no sentido de melhorar a qualidade do atendimento nos abrigos, diminuindo o tempo de permanência de crianças e adolescentes neles abrigados e tornando-os mais adequados a seu desenvolvimento atual e futuro. O grupo de pesquisa do qual fazem parte estas pesquisadoras (Grupo de Investigação sobre Acolhimento Familiar, Abrigamento e Adoção – Giaaa) tem participado ativamente desse movimento tanto em nível municipal quanto federal, contribuindo criticamente para a revisão e complementação de vários pontos importantes da Lei Nacional de Adoção, no 12.010 (BRASIL, 2009), e das Orientações Técnicas para os Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (BRASIL, 2008). Além disso, produziu uma série sobre Proteção Integral à Criança e ao Adolescente, composta de quatro DVDs com os respectivos encartes, um dos quais trata especificamente do abrigo como um acolhimento de qualidade à criança e ao adolescente. Esse DVD foi enviado a todos os abrigos e às equipes multidisciplinares dos Fóruns da Criança e do Adolescente do Estado de São Paulo, como um material que pode auxiliar na formação e qualificação de seus técnicos e profissionais. Esperamos contribuir assim para uma diminuição do estigma dos próprios abrigos, habilitando-os a atuar de fato como facilitadores da inclusão das crianças sob sua guarda, de maneira que novos caminhos lhes possam ser abertos.

10) Observações e destaques –

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.